



DOSSIÊ

FORMAÇÃO ACADÊMICA INICIAL DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS: TRÂNSITO DE/ ENTRE LINGUAGENS

Admir Soares de ALMEIDA JÚNIOR

*Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional –
Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO- UFMG)*

Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil

admir.almeidajunior@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7489-4161>

Cláudio Márcio OLIVEIRA

Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE-UFMG)

Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil

clamoliv1974@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8677-6269>

José Ângelo GARIGLIO

Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional –

Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO- UFMG)

Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil

angelogariglio@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-1163-3714>

RESUMO: Este trabalho relata uma experiência de formação que ocorre na proposta de estágio curricular supervisionado, parte fundamental da formação inicial de professores/licenciandos de Educação Física, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nas 585 horas destinadas às experiências de prática docente na escola de estágio, desafiamos os estudantes a produzir diferentes tipos de registros reflexivos das experiências vividas neste percurso formativo a partir de distintos tipos de linguagens, a saber: a linguagem escrita acadêmica formal; a produção de textos autobiográficos (chamados de “pipocas pedagógicas”); a linguagem fotográfica, por meio de narrativas visuais; e, por fim, a linguagem audiovisual, por meio da elaboração de pequenos vídeos.

Palavras-chave: Formação de professores. Formação Inicial. licenciatura. Educação Física.

INITIAL ACADEMIC FORMATION OF PHYSICAL EDUCATION TEACHERS FROM THE INTERNSHIP EXPERIENCE AT UFMG: TRANSIT OF / BETWEEN LANGUAGES

ABSTRACT: Our work reports a training experience that takes place within the proposed curricular supervision internship, a fundamental part of the initial academic training process for teachers (undergraduate mode) of Physical Education, from the School of Physical Education, Physiotherapy and Occupational Therapy from the Federal University of Minas Gerais (UFMG). In the course of 585 hours devoted to teaching practice practices in the internship school, students are challenged to produce different procedures to comply with the workload. reflective records of the experiences lived in this formative path, using different types of languages, namely: the formal academic written language, the production of autobiographical texts (called "pedagogical popcorn"); a photographic language, through visual narratives; and, finally, an audiovisual language, through the production of short videos.

Keywords: Teacher training. Initial formation. graduation. Physical Education.

FORMACIÓN ACADÉMICA INICIAL DE LOS DOCENTES DE EDUCACIÓN FÍSICA A PARTIR DE LA PRÁCTICA EN LA UFMG: TRÁNSITO DE/ENTRE LENGUAS

RESUMEN: Nuestro trabajo reporta una experiencia formativa que se da dentro de la propuesta de pasantía curricular supervisada, parte fundamental del proceso de formación académica inicial de los docentes (modalidad titulación) de Educación Física, de la Facultad de Educación Física, Fisioterapia y Terapia Ocupacional de Universidad Federal de Minas Gerais (UFMG). En el transcurso de 585 horas para experiencias de práctica docente en la escuela de prácticas, los estudiantes tienen el desafío de producir diferentes tipos de registros de las experiencias vividas en este camino formativo, utilizando diferentes tipos de lenguajes, a saber: el lenguaje escrito académico formal, la producción de textos autobiográficos (llamadas "palomitas pedagógicas"); lenguaje fotográfico, a través de narrativas visuales; y, finalmente, el lenguaje audiovisual, a través de la creación de videos cortos.

Palabras-clave: Formación docente. Formación inicial. graduación. Educación Física.

INTRODUÇÃO

Há certo consenso na literatura que trata da formação inicial acadêmica de professores de que o estágio supervisionado tem um papel fundamental e insubstituível no processo de desenvolvimento profissional docente. Tal papel advém da oferta de condições aos futuros educadores de uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor nos seus tempos e espaços de atuação na cultura escolar. A partir desta experiência os acadêmicos começarão a se compreender como futuros professores, pela primeira vez encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio, mais acessível às crianças, aos jovens e aos adultos (PIMENTA, 1997).

Mais do que apenas encontrar e conviver com a materialidade da vida escolar, seus tempos, espaços, rotinas e sujeitos, espera-se que a experiência do estágio supervisionado seja também um momento profícuo de reflexão e pesquisa sobre a prática docente. Para Pimenta e Lima (2004) é necessário pensar o estágio como proposta que considera a teoria e a prática presentes tanto na universidade quanto nas instituições-campo, evidenciando o porquê do estágio ser teoria e prática. O desafio é proceder ao intercâmbio, durante o processo formativo, entre o que se teoriza e o que se pratica em ambos os espaços de formação, uma vez que as dificuldades para efetivação dessa empreitada são muitas: os estágios supervisionados e as práticas de ensino ocupam espaços pouco prestigiados nos currículos; a desarticulação entre teoria e prática, entre formação específica e pedagógica e entre formação e realidade escolar; menor prestígio da licenciatura em relação ao bacharelado; ausência de estudos histórico-filosóficos e epistemológicos; predominância de uma abordagem técnico-formal das disciplinas específicas; falta de formação teórico-prática dos professores formadores (FIORENTINI et al., 2002; DINIZ PEREIRA, 2007).

Tomando o estágio como central no processo de formação de professores/as, desde o ano de 2005, quando o atual projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFMG foi elaborado, um grupo de professores/as¹ vêm consolidando uma experiência de estágio curricular supervisionado que aposta no diálogo entre professores da Faculdade Educação e da Escola de Escola de Física, Fisioterapia e Ocupacional (EEFFTO), na construção de uma relação mais orgânica com as escolas da Educação Básica, na parceria com professores/as das redes de ensino e na configuração de um fluxo formativo que tem tomado a escola, a organização curricular da Educação Física escolar e prática docente como objetos de reflexão.

Em 2017 tal proposta incorpora outros modos de produção de apontamentos sobre os contextos, as práticas e os sujeitos escolares com os quais a experiência formativa desenvolve-se: novas formas de construção das narrativas escritas produzidas pelos estudantes, registros iconográficos e produção de material audiovisual. É sobre essa experiência, que denominamos de trânsito de/entre linguagens, que abordaremos neste texto.

JUSTIFICATIVA

Entre as estratégias e práticas formativas desenvolvidas durante a nossa proposta de estágio, o registro das atividades no formato de relatório escrito ocupa um lugar de destaque. Ancorados em Zabalza (2004), consideramos que a produção desses registros possibilita aos acadêmicos a reflexão das práticas nos diversos contextos escolares. Dessa forma, acreditamos que tais registros contribuem para o processo de desenvolvimento pessoal e profissional dos acadêmicos.

1 Fazem parte do coletivo de docentes responsáveis pelo estágio curricular supervisionado: Andrea Moreno (DMTE/FAE), Cláudio Márcio Oliveira (DMTE/FAE), Admir Soares de Almeida Junior (DEF/EEFFTO) e José Ângelo Gariglio (DEF/EEFFTO).

Todavia, ao longo dos anos percebemos que os relatórios de estágio produzidos pelos licenciandos/as apresentavam uma forma bastante descritiva e pouco reflexiva. Entregues apenas ao final do semestre letivo, somente os professores da Universidade tinham acesso ao conteúdo das reflexões produzidas pelos/as estudantes. Percebemos uma parcela considerável dos estagiários/as lidando com esse registro apenas como mais uma tarefa do curso, com dificuldades de apresentar reflexões elaboradas sobre o significado do estágio em seu processo de formação profissional.

Pareceu-nos importante, na condição de docentes responsáveis pelo estágio supervisionado, compreender as razões que levavam à produção de relatórios com tal característica. Além do caráter essencialmente descritivo, boa parte dos relatórios evidenciava também dificuldades dos licenciandos/as de reconhecer e articular elementos dos cotidianos escolares com questões/apontamentos de natureza teórica, discutidas nos encontros presenciais com os docentes de estágio na universidade.

Tal diagnóstico nos levou a pensar outras metodologias de trabalho, buscando qualificar a produção dos registros produzidos pelos licenciandos/as, bem como compartilhar tais registros a outros sujeitos envolvidos no processo de construção das experiências formativas possibilitadas pelo estágio: professores supervisores, alunos da educação básica, gestores das escolas, demais estudantes do curso de licenciatura, professores da universidade não envolvidos diretamente nas disciplinas de estágio, dentre outros.

Buscando aproximar os estagiários/as das potencialidades formativas de uma escrita acadêmica outra e ao mesmo tempo qualificar a produção dos registros elaborados durante o estágio, desde 2017 apresentamos às/aos estudantes a possibilidade de produção de formas complementares de registros aos relatórios regularmente entregues. Os desafiamos a produzir outros tipos de registros a partir de diferentes linguagens, a saber: a linguagem escrita, por meio de textos autobiográficos; a linguagem fotográfica, por meio de narrativas visuais; e a linguagem audiovisual, expressa na confecção de pequenos vídeos.

Tais produções têm sido apresentadas, discutidas e avaliadas por ocasião da realização de um “Seminário de Estágios da Licenciatura” que sempre ocorre ao final de cada semestre letivo. Seminário que tornou-se atividade de culminância do percurso formativo, quando toda a produção dos registros narrativos dos/as licenciandos/as é exposta em um espaço aberto, de fácil acesso e visibilidade para os demais atores, tanto da comunidade universitária quanto daquela externa a ela.

Considerar a experiência com múltiplas linguagens narrativas como um elemento estruturante do processo de formação inicial de professores/as de Educação Física insere-se num contexto maior de tentar materializar práticas curriculares menos utilitárias, normativas e funcionalistas. Um desafio de produção de experiências formativas ao longo do curso – e não apenas circunscritas aos tempos e espaços do estágio supervisionado –, que favoreçam ao futuro professor o lugar de formar-se em oposição a uma lógica ainda predominante de construir-se o lugar de ser formado (FIGUEIREDO, 2010).

Estudos e pesquisas nas últimas décadas focalizam o professor/a como sujeito de sua própria prática pedagógica. Em geral, tais pesquisas consideram o professor/a como um sujeito de experiências, autor/a de sua prática profissional e em constante processo de formação. É inegável a contribuição desses estudos para compreender os processos de construção das identidades docentes. Entretanto, ao lançarmos nosso olhar aos processos de formação inicial pode-se perceber um distanciamento considerável entre os achados das pesquisas e os currículos materializados/praticados no âmbito da formação acadêmica inicial em Educação

Física. Arriscamos afirmar que os currículos de formação de professores de Educação Física ainda mostram-se tímidos na incorporação de uma escrita narrativa como eixo e estratégia de formação (FIGUEIREDO, 2010).

Assim, gostaríamos de destacar potencialidades da escrita narrativa e do trânsito entre/com linguagens no contexto da formação inicial em Educação Física. A primeira delas é instaurar um movimento coletivo de discussão/problematização dos modelos de formação herdados de uma tradição educacional, ancorada na lógica de uma razão técnico/instrumental. Outra potência acerca do trânsito entre/com linguagens no contexto do estágio supervisionado é a possibilidade de exercícios de autoria e um movimento de uma maior compreensão dos licenciandos/as de seu papel no processo de tornar-se professor/a de Educação Física. As diferentes narrativas – elaboradas na singularidade de cada uma das linguagens (escritas, fotográficas e audiovisuais) –, possibilitam aos/às estudantes valorizar sua formação como protagonistas e como futuros professores/as. Ressaltamos que em nossa concepção de formação docente a dimensão estética é fundamental, não como uma oposição, nem como um acessório, mas em diálogo com o pensamento crítico da Educação e da Educação Física.

CONTEXTO E FORMATO DA PROPOSTA DE ESTÁGIO

O estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura em Educação Física é realizado do 6º ao 8º semestre. Os/as estudantes efetuam matrícula nas seguintes disciplinas: Análise da Prática e Estágio em Educação Física I, II e III. Cada uma dessas disciplinas possui carga horária total de 195 horas: 135 horas de campo de estágio e 60 horas de encontros/aulas na universidade. Parte desse percurso se dá na Faculdade de Educação (FAE) e outra na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO). As atividades do estágio são realizadas em escolas parceiras, em sua maioria das redes públicas municipal e estadual na Região Metropolitana de Belo Horizonte, sendo acompanhados por professores/as supervisores/as destas redes de ensino. Tais atividades acontecem semanalmente por três dias, com carga horária de quatro horas/aula por encontro, sendo dois momentos de imersão nas escolas e um de encontro com os professores de estágio da Universidade. A organização dos estagiários se dá em duplas, pois assumimos o trabalho coletivo/colegiado como um princípio estruturante da formação docente e de sua atuação profissional na escola.

O estágio realizado no 6º período (Análise da Prática e Estágio em Educação Física I) enfatiza o reconhecimento, reflexão e problematização dos cotidianos escolares. Com base em Ezpeleta e Rockwell (1989) pensamos a etnografia na educação incorporada à noção de historicidade. Para as autoras a escola como um espaço sociocultural é ordenado em uma dupla dimensão: *institucionalmente*, por um conjunto de normas e regras que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos; *cotidianamente*, por uma complexa trama de relações sociais que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais e coletivas, de transgressão e de acordos (EZPELETA; ROCKWELL, 1989).

Assim, as/os estudantes são encaminhados a escolas-parceiras que atendem a diferentes níveis e modalidades de ensino da Educação Básica. Nesse momento, privilegiamos a imersão em diferentes cotidianos visando um mapeamento crítico da cultura escolar. Inspirados em alguns elementos/ferramentas da etnografia, os/as licenciandos/as são desafiados a construir estratégias que permitam (re)conhecer funções e papéis de diferentes sujeitos que atuam nas escolas. Constituem eixos para esse exercício as seguintes categorias: sujeitos, tempos, espaços e práticas, com o intuito de compreender a escola como espaço sociocultural (DAYRELL, 1995).

O estágio realizado no 7º período (Análise da Prática e Estágio em Educação Física II) busca a continuidade de uma aproximação qualificada aos cotidianos escolares pelo acompanhamento da prática pedagógica de professores/as de Educação Física. Visando conhecer, analisar e discutir diferentes projetos pedagógicos para essa disciplina escolar, enfatizamos a reflexão sobre a docência em Educação Física em seu processo de construção curricular no interior das escolas.

O terceiro semestre de estágio (Análise da Prática e Estágio em Educação Física III), trata do processo de planejamento, sistematização e desenvolvimento de propostas de ensino dos temas/conteúdos da Educação Física. A partir das experiências anteriores do estágio, os/as estudantes, em parceria com os respectivos professores/as supervisores/as, elaboram unidades e/ou projetos de ensino, articulando-os com o planejamento em curso nas escolas.

Tomando os momentos do estágio de forma articulada, nosso objetivo geral é a elaboração de registros crítico-reflexivos por meio de várias linguagens, abordando as dimensões da docência contempladas pelo percurso de estágio: a cultura escolar, a inserção curricular da Educação Física e a construção de unidades/projetos de ensino. Para tanto, esta experiência possui como objetivos específicos:

- Apreender noções básicas da antropologia/etnografia para aproximação e imersão na realidade das escolas;
- Propiciar a leitura da cultura escolar nos mais diversos contextos;
- Conhecer os desafios da docência a partir da politização das condições de trabalho;
- Articular diferentes modalidades de escrita e suportes letrados para registro da experiência de estágio;
- Analisar criticamente a Educação Física a partir de seu planejamento de ensino;
- Abordar os conceitos/concepções de Educação Física, Escola e Currículo que orientam os planos de trabalho nas escolas-parceiras de estágio;
- Tratar os conteúdos da Educação Física e o seu ensino como práticas culturais;
- Problematizar e construir alternativas para a avaliação do ensino de Educação Física;
- Analisar propostas de organização curricular para a Educação Física na Educação Básica;
- Abordar a linguagem fotográfica/produção de imagens em suas possibilidades intertextuais com as narrativas autobiográficas e os relatórios de estágio;
- Construir projetos de ensino/unidades didáticas para a Educação Física na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio;
- Analisar as concepções de Ensino de Educação Física presentes na formação inicial;

Cabe frisar que os conteúdos curriculares presentes nas três experiências de estágio não se dão de forma linear e etapista. Ainda que distribuídos em momentos específicos do percurso de estágio, o desenvolvimento dos conteúdos se dá em uma lógica espiral e dialética, que se manifesta nos tempos, espaços e procedimentos didáticos. Destacamos a realização de seminários temáticos integrados para intercâmbio de experiências entre todos/as estudantes de estágio, de forma que os conteúdos de cada momento de estágio necessariamente dialogam e se relacionam uns com os outros.

Ao conceber a organização do trabalho, definimos que, para cada um dos momentos do estágio - Análise da Prática e Estágio em Educação Física (APEEF) I, II e III -, os estudantes são desafiados a produzir uma

modalidade de registros. Aos estudantes da APEEF I a elaboração de “Pipocas Pedagógicas”, os da APEEF II registros fotográficos e aos da APEEF III a produção de vídeos. Apresentamos os procedimentos didáticos e seus fundamentos teóricos. É o que trataremos a seguir.

“PIPOCAS PEDAGÓGICAS” NO ESTÁGIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Todos nós sabemos quão grande é o desafio de escrever, quanta energia e persistência é necessária para assumir a tarefa de escrita de um texto. Arriscamo-nos a afirmar, dialogando com Larrosa Bondía (2016), que desde muito cedo os licenciandos/as são confrontados a escrever como “Deus manda e ler como Deus manda [...], pensar como Deus manda” (op.cit, p. 17), submetidos a ritos e regras de ordenação textual que acabam invisibilizando quem escreve. Assim, gradativamente os licenciandos/as se acostumam a produzir textos apenas “para os outros” e não para si mesmos: textos impessoais para um leitor modelo, qual seja, os professores/as da universidade.

Larrosa Bondía (2016) nos adverte do risco da aprendizagem de uma única forma textual que, mais do que uma apropriação, pode gerar um movimento de conformismo linguístico. Destaca que não há maneira de “pensar de outro modo” que não seja, também, “ler de outro modo” e “escrever de outro modo.” Dessa forma, temos apostado no exercício de materialização de uma escrita acadêmica outra, que não abre mão do diálogo e reflexão com a teoria e a prática, mas que acredita ser possível a construção de outras formas de narrar a trajetória de estágio: uma escrita que articule o exercício de ser pensante e cognoscitiva, mas também imaginativa e poética.

Na disciplina *APEEF I* apresentamos como atividade complementar aos relatórios a elaboração de um texto autobiográfico, a **Pipoca Pedagógica**. A proposta é que cada acadêmico/a escolha uma cena, uma experiência marcante do estágio, e passe a narrá-la por escrito em primeira pessoa, preferencialmente em texto curto de uma lauda. Inicialmente, muitos alunos/as consideraram o convite inusitado. Entretanto, o exercício de escrita mobilizou-os a um olhar mais cuidadoso, a atentar-se mais aos detalhes e, sobretudo, interrogar-se sobre o que escrever? Mas afinal, o que é uma Pipoca Pedagógica?

O termo Pipoca Pedagógica foi criado por um grupo de professores/as do Ensino Fundamental participantes do GEPEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da Faculdade de Educação da UNICAMP. Trata-se de uma expressão metafórica para denominar uma narrativa curta – um “causo” – cujos conteúdos são as questões da educação de crianças e jovens que nos inquietam como educadores/as; são retratinhos 3x4, em branco e preto ou a cores, feitos por fotógrafos-professores-contadores de “causos” seus e de seus alunos/as. Tal exercício é uma tarefa complexa, pois exige que cada autor/a reflita sobre o que viveu, o que nem sempre é prazeroso e habitual, pois mobiliza conhecimentos, saberes, crenças, emoções e relações não necessariamente de início percebidas (CAMPOS; PRADO, 2013). A título de exemplo, temos a “pipoca” a seguir:

UMA LICENCIATURA CEGA?

Lucas Vinícius de Souza

Era uma quinta feira, e como de costume, acompanhávamos a aula de um professor diferente, que naquela dia era o professor de história. O professor foi extremamente receptivo e nos permitiu acompanhá-lo.

Como de praxe, os alunos ao verem os estagiários com a camisa da educação física entrando em uma aula de outra disciplina, logo indagaram:

– Uai, mas educação física? O que isso tem a ver com história?

O professor, se mostrando consciente do processo do estágio, logo disse:

– No estágio que eles estão fazendo, eles têm que observar a escola. Como um todo e não só a educação física.

Imaginei então que tínhamos certa legitimidade com o professor. Mas, no meio da aula, enquanto os alunos copiavam um esquema feito no quadro, me dirijo ao professor e faço duas perguntas sobre a relação da matéria ao então atual contexto político no Brasil. E ele, com toda a atenção, responde as questões e sutilmente comenta em relação à consciência política:

– Vocês não veem isso na faculdade de educação física, né?

As Pipocas Pedagógicas são socializadas durante a disciplina, tanto em seu conteúdo de reflexão como em sua forma/potência de impactar o outro que com elas se depara. Uma vez passado por esse processo, são apresentadas no Seminário Final aberto que unifica a produção dos três estágios do curso de Educação Física.

OS REGISTROS FOTOGRÁFICOS: NARRANDO COM IMAGENS

Na disciplina *APEEF II* temos ressaltado a elaboração de Narrativas Fotográficas. Ao final do período, cada dupla de estagiários/as elabora uma narrativa fotográfica a partir do conjunto de imagens produzidas durante a permanência e acompanhamento da prática pedagógica dos docentes supervisores nas escolas.

Buscamos dialogar com estudos e pesquisas que problematizam o papel das imagens na sociedade contemporânea, sobretudo as imagens fotográficas. Vivemos em um contexto social onde as imagens estão presentes em cada um e em todos os meios da comunicação humana. Segundo Samain (2006), as imagens povoam a comunicação humana desde a fala até a informática. Por outro lado, é inegável considerar que prevalece entre nós o consumo de imagens como uma das principais formas de interação *no* e *com* o mundo. Nossas vivências com diferentes imagens (fotográficas, televisivas, cinematográficas ou digitais) se dão, na maioria das vezes, de forma fragmentada, fugidia, espontânea: enfim, de modo automatizado.

Podemos pensar uma experiência formativa dos sujeitos que se concretiza por meio da mediação e interação com as imagens? É possível e necessário reconstruir o lugar das imagens entre nós? Podem as imagens fotográficas potencializar uma reflexão de sentidos estendida e alargada? A fotografia pode instaurar um movimento reflexivo de “sentir o que se vê e pensar o que se sente?” Como imagens fotográficas podem auxiliar a (re)pensar as práticas formativas que têm lugar em um currículo de formação de professores de Educação Física, em especial na produção de saberes e conhecimentos no estágio supervisionado?

Ainda em relação à natureza dessas imagens, dialogamos com dois eixos interpretativos de Samain (2006), a fim de analisar a produção imagética dos acadêmicos/as no estágio curricular: o fato de que toda imagem (um desenho, uma fotografia, etc.) é portadora de um pensamento, isto é, carrega e veicula um pensamento,

pelo menos do autor que a fez; o fato de toda imagem nos fazer pensar um “pedaço” do real, ou uma “falsca” de imaginário para sonhar.

Para Bruno e Samain (2006) as imagens fotográficas também podem ser tomadas como telas, fundos vazios capazes de engendrar formas visuais, verbais e escritas. Para os autores a palavra nasce da imagem e a escrita é uma imagem. Logo, parece-nos importante atentar para o poder de enunciação das imagens quando articuladas às palavras.

Mobilizamos os estudantes de licenciatura a desenvolver narrativas visuais no formato de pequenas histórias. De posse de um conjunto de fotografias, cada dupla de estagiários/as elabora ao final do semestre uma pequena história com base nos eixos estruturados desse momento específico do percurso de estágio, qual seja, a presença curricular da Educação Física nas escolas.

PRODUZINDO VÍDEOS NO ESTÁGIO

Na disciplina APEEF III o eixo estruturante é o planejamento, organização e desenvolvimento de propostas de ensino de temas/conteúdos da Educação Física. Os/as estudantes, em parceria com os respectivos professores/as supervisores/as, elaboram unidades e/ou projetos de ensino, respaldadas nas concepções de Educação Física debatidas durante o curso. Para tanto, abordamos nessa etapa do estágio as concepções de ensino em geral e de ensino de Educação Física em particular, sobretudo as visões de sujeito e de objeto na produção do conhecimento subjacentes a estas concepções.

No último semestre as/os estagiários/as devem elaborar um registro audiovisual. Nossa expectativa como orientadores é de que os/as estudantes, a partir de um roteiro elaborado conjuntamente com os professores/as supervisores, produzam vídeos que apresentem uma síntese do movimento de ensino de práticas corporais no contexto das aulas.

Para desenvolver os registros audiovisuais temos como referência estudos desenvolvidos no campo da Comunicação e Mídia em Educação Física, sobretudo as contribuições de Araújo, Oliveira e Souza Junior (2019). A partir do diálogo com tais estudos os conceitos de montagem e edição têm emergido como aspectos importantes no processo de elaboração dos diferentes vídeos.

Por meio de várias estratégias de edição e montagem os/as estudantes têm apresentado percursos singulares no processo de planejamento e desenvolvimento de propostas de ensino das mais diferentes práticas corporais aos alunos/as das escolas. Nos vídeos é possível perceber, de forma mais ou menos explícita, as referências teóricas e as decisões didático-metodológicas mobilizadas pelos estagiários/as.

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS/AS LICENCIANDOS/AS

Durante o percurso das disciplinas de estágio os/as estudantes vivenciam diferentes estratégias e instrumentos de avaliação da aprendizagem. Definimos três dimensões que são princípios para elaborar as estratégias de avaliação, a saber:

- a) *Dimensão de Envolvimento pessoal e coletivo*: diretamente relacionada ao processo de engajamento dos licenciandos/as com as várias atividades propostas durante a experiência de estágio.

TURMAS 9º ANO
E.M. OSWALDO
FRANÇA JUNIOR
EM:

AULAS DE ATLETISMO

POR KARINA FIGUEIREDO



Figura 1. Aulas de Atletismo.

Ligando o que?



COMO TRATAR O FUTEBOL COMO UM FENÔMENO SOCIAL QUE TENSIONA O ESPORTE NA E DA ESCOLA?

NO SEGUNDO SEMESTRE, DE AGOSTO A OUTUBRO, OS PROFESSORES GYNA E LUIZ ORGANIZAM A LIGA OSWALDO FRANÇA JÚNIOR DE FUTEBOL.



CADA TURMA PARTICIPANTE DA LIGA SE DIVIDE EM QUATRO GRUPOS:



EM QUE O GANHAR NA LIGA DEPENDE DOS CONHECIMENTOS AMALGAMADOS EM CADA GRUPO E APRESENTADOS NO DIA DOS JOGOS.

NESSE CENÁRIO, COMO PROPOR UMA UNIDADE DIDÁTICA PARA O NONO ANO?



É bom, o que faz? Boa pergunta!

REALIZAMOS UMA PALESTRA COM O FOTÓGRAFO DO ATLÉTICO SOBRE OS PROCESSOS DE PRODUÇÕES MUDIÁTICAS NO FUTEBOL.



DISCUTIMOS AS DIFERENTES FORMAS DE NARRAÇÃO (AUDIO-VISUAL, AUDIO-DESCRIPTIVA E TÁTIL-DESCRIPTIVA).



CONHECEMOS SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL E EXPERIMENTAMOS O KEMARY E O FUTEBOL GAÉLICO.



E o Arthur, não vai participar?

NESSA AULA, O ARTHUR TEVE UMA AULA AUDIO-DESCRIPTIVA ENQUANTO OS DEMAIS ALUNOS JOGAVAM.



Estão jogando o Kemary...

E O QUE MAIS? DISCUTIMOS AS MANIFESTAÇÕES DA TORCIDA NO FUTEBOL.



Eu vou cantar um funk pra ninguém ficar parado!

POR FIM, PRODUZIMOS MASCOTES DE ACORDO COM A HISTÓRIA DOS CLUBES DE FUTEBOL EXISTENTES.



Os alunos compreenderam que a Fênix seria uma possibilidade de mascote para representar o Liverpool de acordo a sua história.

E O RESULTADO DESSA LIGA?






Somos campeões!!!!



FIM

Dupla: Leandro Rafael e Miriam Silva
Disciplina: Análise da Prática e Estágio II
Professores: Admir Soares e José Ângelo
Semestre: 2018 /2
Escola Municipal Oswaldo França Júnior

Figura 2 – Ligando o quê

- b) *Dimensão Estética*: relaciona-se com a elaboração dos registros de estágio e possui dois momentos articulados. O primeiro momento abarca tanto um movimento individual quanto coletivo de elaborar registros que explicitam o trânsito entre/nas diferentes linguagens (Pipocas Pedagógicas, Narrativas Fotográficas e Registros Audiovisuais), criando formas singulares de narrativas. O segundo, por sua vez, trata-se da preparação dos espaços e materiais utilizados para a realização do *Seminário Final de Estágio*, cuja disposição dos registros permita uma “experiência estética” de fruição/apropriação das produções através de uma instalação que inclua três espaços: o “Varal de Pipocas Pedagógicas”, a “Mostra de Narrativas Fotográficas” e a “Mostra Audiovisual”.
- c) *Dimensão Conceitual*: presença de elementos críticos-reflexivos e diálogos com referenciais teóricos nas diferentes atividades e registros do estágio.

Em relação à avaliação dos relatórios finais de estágio em suas múltiplas linguagens, tal ação visa qualificar a escrita acadêmica buscando articular tais experiências com o debate teórico, com os docentes da educação básica, com suas práticas e os sujeitos de sua intervenção pedagógica (os/as estudantes). Da escrita espera-se uma linguagem dinâmica, com clareza conceitual e que tenha como interlocutores: os/as professores/as da disciplina, o/a professor/a supervisor, os colegas de turma e futuros alunos da disciplina. Ressaltamos a exigência, nos registros, de uma descrição densa da realidade observada, o que implica um diálogo com referenciais teóricos trabalhados dentro e fora dessa disciplina.

Os/as estudantes são mobilizados a produzir registros reflexivos sobre quatro aspectos do contexto do campo do estágio: *Contextualização da escola e de seu cotidiano*, com base nas categorias Sujeitos, Tempos, Espaços e Práticas; *Os Docentes de Educação Física – Dimensão Biográfica*, abordando os principais momentos da trajetória pessoal e profissional dos professores/as de Educação Física supervisores de estágio; *Organização Curricular da Educação Física*: descrição e análise da presença da disciplina Educação Física no cotidiano escolar; *Os Projetos de ensino na Educação Física*.

Para além do relatório, são demandadas outras produções, a saber:

- *Livro das Pipocas Pedagógicas*: produção coletiva semestral dos alunos/as do primeiro estágio, a partir de uma comissão editorial que reúne, compila e apresenta um livreto com as narrativas escritas;
- *Apresentação de Seminários Temáticos*: mobilizando as/os estagiárias/os a investigar/refletir sobre a prática docente nas escolas;
- *Produção de pareceres de referenciais curriculares*, no qual são escritos pareceres sobre referenciais curriculares para o ensino da Educação Física produzidos pelas redes de ensino, onde se avaliam a qualidade da escrita formal, a descrição da proposta curricular e o investimento analítico sobre a mesma.
- *Produção e discussão de unidades didáticas*: as/os estudantes produzem unidades didáticas em diálogo com a realidade do ensino da Educação Física na escola em conjunto com o professor-supervisor. Assim, as/os estagiárias/os fomentam debate didático sobre a Educação Física, enriquecendo a organização desse componente curricular em uma determinada unidade escolar.
- *Produção das narrativas fotográficas*: apresentada, discutida e avaliada com os colegas da turma e o professor responsável pela disciplina.
- *Produção de audiovisual*: onde os/as alunos/as têm acesso a estudos de mídia-educação para analisar e sistematizar vídeos que ultrapassem a simples ilustração das práticas de ensino, mas que sejam chaves de leitura para análise dessas práticas.

- *Organização, produção, realização e avaliação do Seminário Final do Estágio*, onde são avaliadas a qualidade, originalidade e a composição estética dos registros designados a cada etapa do estágio, assim como a participação na organização, realização e avaliação do seminário.
- *Avaliação do supervisor de estágio* acerca dos percursos e das lacunas de formação dos/as estagiários/as.

O desenvolver das atividades que compõem o percurso formativo do estágio, sobretudo os registros que configuram o trânsito entre/nas linguagens, nos possibilita um intenso processo de aprendizagens entre os docentes da equipe de estágio. Nesse sentido, destacamos três dimensões que se complementam.

A primeira destas dimensões diz respeito ao trabalho coletivo. O desenvolvimento desse projeto de formação tem proporcionado aos professores da equipe de estágio o rompimento com a lógica da cultura do individualismo pedagógico e da balcanização do professor (FULLAN, HARGREAVES, 2000), cultura essa composta por grupos separados, por vezes competitivos, lutando por posições e por supremacia, tal como estados independentes, com poucas conexões. Tal cultura marcou e ainda marca nossa formação profissional, nossa atuação docente e o nosso fazer acadêmico-científico.

Opondo-se a esta lógica, a experiência de compartilhar nossas práticas de ensino, desenvolver uma ação pedagógica conjunta e conceber/desenvolver esse projeto na Universidade, tem feito de nós melhores professores. A construção cotidiana deste projeto contribui para desenvolver o que Nóvoa (2014) denomina de ator coletivo no plano profissional. Tal competência coletiva é mais do que o somatório das competências individuais: é um tecido profissional enriquecido, integrando a cultura docente em um conjunto de modos coletivos de produção/regulação do trabalho. Experimentamos com isso os desafios da abertura de nossas ações, saberes e fazeres ao escrutínio de outros. Isso permite que desenvolvamos conhecimentos sobre a nossa docência, já que tais ações de ensino-aprendizagem são acompanhadas da investigação/problematização de nossas práticas, em um sistema de colaboração com os pares que também estão engajados em tornar seu trabalho público.

Romper com a balcanização possibilita superar a tradicional separação e abismo existente entre o instituto da área específica e a Faculdade de Educação. Essa ação pedagógica coletiva nos propicia ações articuladas no interior dos órgãos colegiados destas unidades, possibilitando a construção compartilhada da política curricular do curso de licenciatura em Educação Física. O trabalho coletivo *com* e *entre* professores, oriundos destas duas unidades, possibilitou ampliar a compreensão sobre os percursos formativos dos/as estudantes, promovendo um enfoque mais integrativo, uma visão de totalidade sobre o curso: uma leitura mais coletiva e plural sobre que professores/as desejamos formar. Trabalho coletivo que implica aprendizados acerca dos tempos e espaços: a congruência dos horários das disciplinas, a realização de seminários integrados com os três estágios e a construção de uma rede de escolas e supervisores/as parceiros nos leva a repensar os vários espaços-tempos de estágio como estruturantes da autoavaliação e autoformação.

A segunda dimensão que destacamos refere-se ao acesso e diálogo com aportes teóricos diversos, o que implica um intenso envolvimento com o campo da antropologia/pesquisa de tipo etnográfico, como também estudos no campo de uma "Pedagogia da Imagem" (CIAVATTA e ALVES, 2008), sobretudo relacionada aos desafios e possibilidades de utilização de imagens fotográficas e audiovisuais nos processos de formação docente. Temos desenvolvido novos saberes profissionais que qualificam nossa reflexão sobre as escolas, o ensino da Educação Física e o fazer pedagógico na universidade. Como desdobramento desse diálogo temos, gradativamente, desenvolvido saberes e conhecimentos relacionados ao domínio técnico dessas

linguagens em conjunto com o nosso olhar antropológico: a expansão da nossa capacidade de ver, ouvir e escrever a realidade.

Como última dimensão aprendemos a articular estas múltiplas linguagens com as questões da corporeidade e com o objeto de ensino da Educação Física. Para Le Breton (2001, p.4) “os limites do corpo traçam a ordem moral e significativa do mundo. Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo. O corpo faz hoje a jogada decisiva, torna-se o paradigma fundamental das sociedades contemporâneas”. Síntese das realidades objetiva/subjetiva do humano, os corpos se expressam nas “linguagens em trânsito” do estágio: questões de gênero/sexualidade, étnico-raciais, geracionais e de classe emergem dessa experiência. Desconsiderar tais “falas” nos coloca em um quadro de heteronomia docente, presa a visões técnico-operacionais da escola e do ato educativo. Em relação à Educação Física, cujo objeto de ensino é a Cultura Corporal de Movimento (BRACHT, 1997), as práticas corporais e o movimentar-se são “chaves de leitura do mundo”, que têm um duplo caráter: são ao mesmo tempo um “fazer corporal” e uma “reflexão sobre o fazer corporal”, afirmando outra legitimidade pedagógica na escola, não mais como uma atividade/intervenção biomédica, mas sim como uma área de conhecimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos encontramos em processos coletivos de formação, reflexão e reelaboração contínua de nosso projeto de estágio. Ainda temos dúvidas de como lidar e de pôr em diálogo tão diversas linguagens (escritas, iconográficas e audiovisuais) a serviço da formação de professores. Tanto os/as estudantes como nós temos ainda dificuldades em lidar com linguagens que historicamente foram pouco exploradas/valorizadas no percurso de nossa formação escolar. A hipertrofia da lógica escriturária imposta pela forma escolar exige de todos os sujeitos envolvidos um esforço de reconfiguração de suas trajetórias formativas. Enfrentamos, ainda, o desafio de legitimação das linguagens não inscritas sob o signo da palavra no ambiente da Universidade, como também o reconhecimento da construção de narrativas escritas avessas/diversas ao *cânone* acadêmico-científico. De resto, é possível afirmar que o esforço coletivo de valorização da experiência de estágio tem sido reconhecido pelos nossos pares na UFMG, pelos professores da Educação Básica e, sobretudo, pelos/as estudantes do curso. Temos, ainda, questões, problemas e temas para muitas “conversas” e, com certeza, muitos outros percursos a explorar.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, A.C.; OLIVEIRA, M.; SOUZA JUNIOR, M. Formação de professores de Educação Física e usos de conceitos do campo comunicacional para pensar o ensino. *Comunicação e Educação*, Cidade, ano XXIV, n. 1, p. 141-153, jan./jun. 2019.

BRACHT, V. Educação Física: Conhecimento e Especificidade. In: VAGO, T; SOUSA, E. *Trilhas e Partilhas*. Belo Horizonte: Cultura, 1997, p.13-24.

CAMPOS, C; PRADO, G. (Orgs.). *Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013. 96p.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Orgs.) *A leitura de Imagens e a Pesquisa Social: História, Comunicação e Educação*. São Paulo; Cortez, 2008.

DAYRELL, J. *A escola como espaço sócio-cultural*. Belo Horizonte: SMED, 1995.

ESCOLANO, A.; VÑAO-FRAGO, A. *Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FIGUEIREDO, Z. Os novos desafios da formação de professores de educação física no Brasil. In: SANTOS, L. et al. (Orgs.) *Convergências e Tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.341-351.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A. *A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LE BRETON, D. O Fim do Corpo, *Jornal do Brasil* (17 de março de 2001), p.4.

MONTEIRO, S. B. Considerações acerca do conceito de Epistemologia da Prática. *Pesquisa Educa*, Santos, v. 3, n. 5, p. 5-25, jan./jun. 2011.

NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. *Revista Educacion*. Madrid: 2009.

PIMENTA, S. G. Para uma ressignificação da Didática – Ciências da Educação, Pedagogia e Didática (uma revisão conceitual e uma síntese provisória). In: PIMENTA, S. G. (Org.) *Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 1-15.

SAMAIN, E. Questões Heurísticas em torno do uso das Imagens nas Ciências Sociais. In: Bianco, B.F; Moreira Leite, M. L. (orgs.). *Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 5ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2006.

ZABALZA, M. A. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2004.p.27.

ALMEIDA JÚNIOR, A. S. DE.; OLIVEIRA, C. M.; GARIGLIO, J. A. Formação acadêmica inicial de professores/as de educação física a partir da experiência de estágio supervisionado na Universidade Federal de Minas Gerais: trânsito de/entre linguagens. **Formação Docente** – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, Belo Horizonte, Vol. 14, nº. 30 (p.107-121) 29 ago. 2022. ISSN: 2176-4360. DOI <https://doi.org/10.31639/rbpf.v14i30.596>

